

MEMÓRIAS DO RETÁBULO-MOR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE MONTESERRAT. SALVADOR/ BAHIA – BRASIL

Maria Herminia Olivera Hernández - UFBA

Resumo

O presente estudo contempla o retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhora de Monteserrat, em Salvador-Bahia. Seu objetivo geral esteve relacionado à investigação da memória histórica do referido retábulo, apontando em particular para as evidências encontradas que lançaram uma luz acerca das alterações produzidas em sua estrutura constitutiva. O templo religioso, pertencente ao patrimônio do Mosteiro de São Bento da Bahia, foi recebido por doação do Governador Geral do Brasil, D. Francisco de Souza na segunda metade do século XVI e constituiu uma das Igrejas *agregadas* que em número de duas deviam estar anexadas aos Mosteiros da Ordem. Conclusivamente o texto mostra que o retábulo, mesmo com as mudanças acontecidas no tempo, ainda constitui uma unidade potencial, ornamento necessário e cenário do cerimonial sagrado.

Palavras chave: Arte-Memória. Retábulo-mor. Patrimônio. Salvador-Bahia.

Resumen

El presente estudio contempla el retablo-mayor de la Iglesia de Nuestra Señora de Monteserrat, en Salvador-Bahia. Su objetivo general se relaciona a la investigación de la memoria histórica del retablo referido, apuntando particularmente para las evidencias encontradas que lanzaron una luz acerca de las alteraciones producidas en su estructura constitutiva. El templo religioso, perteneciente al Monasterio de San Benito de la Bahia, fue recibido por donación del Gobernador General del Brasil, D. Francisco de Souza, en la segunda mitad del siglo XVI e constituye una de las Iglesias agregadas que en número de dos debían pertenecer a los Monasterios de la Orden. Finalmente el texto muestra que el retablo, mismo con los cambios sucedidos en el tiempo, todavía constituye una unidad potencial, ornamentación necesaria y escenario del ceremonial sacro.

Palabras clave: Arte-Memoria. Retablo-mayor. Patrimonio. Salvador-Bahia.

Monsserrate, uma Igreja Anexa ao Mosteiro de São Bento da Bahia

Uma das definições provenientes do Capítulo Geral celebrado na sede do Mosteiro de São Martinho de Tibães, em Portugal, em 12 de novembro de 1599, referia-se às Igrejas que, em número de duas, deviam estar anexadas a cada um dos Mosteiros fundados no Brasil,

Mais propôs Nosso Reverendíssimo Padre Geral na mesma sessão da tarde que importava para a conservação dos nossos Mosteiros da Congregação do Brasil impetrasse de sua Santidade queira unir e anexar das Igrejas do padroado de Nossa Congregação duas a cada Mosteiro dos nossos que lá estão fundados, para que de qual sejam providos de farinhas,

de azeite e vinhos, e doutras coisas de que lá tem necessidade e todos os Padres os definidores pareceu isto ser coisa santa e pediram a Nosso Reverendíssimo Padre que o quisesse fazer e impetrar de sua Santidade como coisa tão necessária e de que resultara tanto bem e aumento a nossa Província do Brasil (AMS, BEZERRO I, fl.193).

Para os Mosteiros Portugueses, aquelas propriedades constituíam unidades que possibilitavam a sua extensão e atuação em outras áreas do território luso. As Igrejas Anexas possuíam grandes extensões de terras e eram submetidas, geralmente, a um tipo especial de arrendamento, caso não estivessem arrendadas passavam a ser administradas diretamente pelos mosteiros à qual se subordinavam. Constituíam centros econômicos relevantes, revertendo rendas expressivas em dinheiro e gêneros diversos a favor dos Mosteiros. Algumas casas, como o Mosteiro de Tibães, tiveram sob o seu domínio várias Igrejas Anexas.

Contudo à existência desses tipos de Igrejas Anexas aos Mosteiros beneditinos do Brasil, não tiveram o mesmo significado e importância econômica, sendo tratadas em determinadas ocasiões, como residências. Dependendo integralmente da administração do Mosteiro ao qual estavam vinculadas. No caso do Mosteiro de São Sebastião da Bahia estavam vinculadas as Igrejas Anexas de Monserrate, localizada na península de Itapagipe, e a de São Gonçalo, localizada nas imediações do Rio Vermelho.

A ermida de Nossa Senhora de Monserrate, foi construída sobre uma rocha, nas imediações onde se encontra o forte que leva o mesmo nome. Ambas as edificações estão localizadas na península de Itapagipe, no sítio denominado da Boa Viagem. A fundação do santuário é atribuída aos senhores da Torre de Garcia D'Avila na segunda metade do século XVI, tendo como projetista ao arquiteto italiano Baccio de Filicaya. E conforme dados do arquivo beneditino foi doada¹ à Ordem de São Bento em 10 de janeiro de 1658 pelo governador Geral do Brasil, D. Francisco de Souza.

Faço saber aos que esta minha doação virem, e o conhecimento de ela com direito pertencer, que eu faço de hoje para sempre doação ao Mosteiro do Bem aventurado do Patriarca São Bento da Cidade do Salvador, e aos Padres de ele, da minha Ermida de Nossa Senhora do Monserrate que edifiquei na ponta de Itapagipe, e bem assim todas as mais coisas, que lhe pertencerem para que fique unida, e incorporada ao dito Mosteiro, e de ela poderão tomar os ditos Padres posse quando lhes bem parecer, e usar de ela como coisa sua própria, que para tudo lhes dou licença e poder, renunciando neles, e no dito seu Mosteiro todo o domínio e senhorio, que na dita Ermida até agora tive; e isto pelo melhor modo e forma, que em direito se permite, em confirmação do qual lhe mandei passar a presente dada nesta Cidade do Salvador sob meu sinal e selo: Francisco de Magalhães a fez por Domingos de Almeida, Escrivão da minha Câmara a

treze de Fevereiro de noventa e oito anos: eu Domingos de Almeida a fiz escrever e subscrevi. O Governador D. Francisco de Souza. (AMSB, Cx.5, Pacote nº1, fl.1).

A capela remete à planta típica de muitas capelas rurais baianas, sendo uma transição entre o tipo mais antigo e singelo formado pela nave e capela-mor e o partido em "T", surgido com a justaposição da sacristia e consistório à capela-mor. Sua torre piramidal, revestida de azulejos, retoma o partido das igrejas locais nos finais do século XVII e inícios do XVIII. Se distingue pelo complemento do mosteirinho incorporado, cujas informações mais precisas referentes a ele e ao edifício como tal, datam dos setecentos, quando, os Relatórios dos Estados, a partir do século XVIII, triênio 1707-1710, falam da realização de obras tanto na Igreja como nas casas que abrigavam aos romeiros. Na década dos anos vinte, citam-se obras, especificamente as relativas aos períodos de 1720-1723, em que a igreja foi alteada e foi executado, pintado e dourado o forro novo, também a igreja ficou dotada da prata, ornamentos, alfaias e peças de ouro para a realização da liturgia. No período de 1726-1729:

Fez-se nesta capela a porta da Igreja de almofadas ao moderno, e se assentou com toda a ferragem necessária para a segurança da porta = Mandou-se fundir o sino que tinha 21 arrobas de 15@ e 6 libras = Há uma garrida com 51 libras que se pusera na torre com porcas e suas ferragens = Fizeram-se umas casas de sobrado místicas a Igreja com 3 celas, e duas salas e seu corredor; e no baixo o mesmo com uma escada para cima, e outra para a cozinha = por fora das casas se fez uma grande cozinha, e chaminé = Fizeram-se as necessárias = mais se fez um muro em que fica toda a obra enclausurada, e tudo caiado, e rebocado = Embosou-se o telhado da casa , e da Igreja = Fez-se uma mesa grande com seus bancos de encosto para jantar = Deu um devoto um coração de ouro a ..., outro um olho de ouro = Deram-se umas cortinas de (...) e 2 laços de fita de ouro para o altar da gloriosa Santa Anna = Deu-se ou deram dois mantos, para Nossa Srª dos Remedios, e Conceição = Deu uma devota uma alva rica bordada = Deu-se uma ... renda para três toalhas dos altares = [...]. (AMSB, ESTADOS Ba., v.3, p. 205).

A citação refere à colocação de elementos novos e o acréscimo relativo à formação do chamado *Mosteirinho*, com escadas, celas, salas, corredor e cozinha (Figura n.º 1). Fala também sobre as doações feitas por devotos para o ornamento e cerimonial da igreja.

Conforme dados em Documento de 1723 (BP-APD, fl.193):

[...] esta capela não tem mais terra que as vinte braças em que esta situada: sem outro algum rendimento mais que o das esmolos dos fieis, que a ela com freqüência proporcionada acodem: com elas se orna ajudando-se para isso com as que pede o Ermitão que serve na dita Capela, onde assiste para isso a Muito um Monge ancião que administra aquela fabrica.

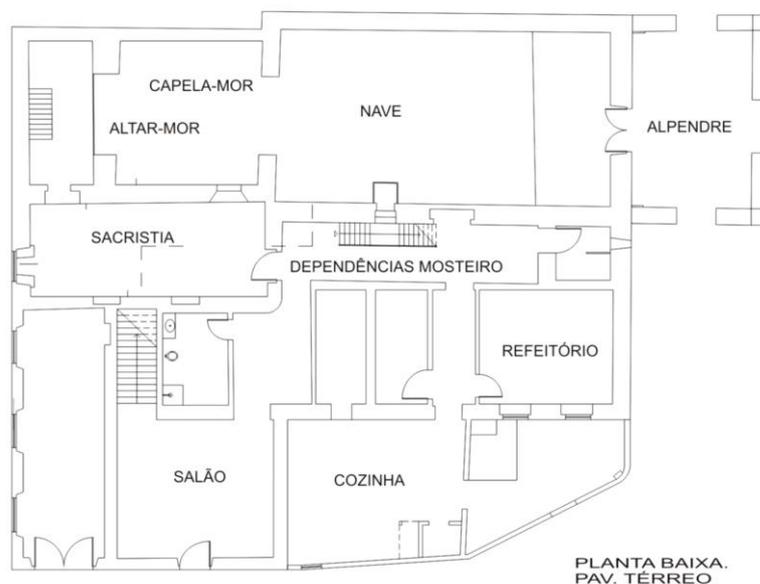


Figura n.º 1 – Planta baixa. Pav. Térreo da Igreja e Mosteiro de Monserrate.
Fonte: Maria Hermínia Olivera Hernández.

Assim como o citado documento de 1723, um outro de 1765, que traz as notícias dos Mosteiros do Brasil, trata das rendas mínimas obtidas pela capela. Confirmando a notícia anterior, deixa assentado que as esmolas oferecidas pelos devotos eram empregadas no culto e ornato da Igreja. Informa ainda que o sustento do monge residente provinha do Mosteiro.

Finalizando o setecentos, há notícias nos Estados sobre a compra de escravos para serviços na capela. Há referências acerca dos consertos realizados na capela, quando foram colocadas grades na janela da Sacristia e, posteriormente, vidraça “[...] evitando-se com ela o revestirem-se os sacerdotes às escuras, ou com vela acesa no inverno” (AMSB, ESTADOS Ba., v.4, p. 218). Os forros das celas receberam manutenção e, em alguns casos, foram substituídos por novos. No interior da igreja, foram realizados múltiplos trabalhos e ainda foi colocada “[...] uma coroa de prata para Nossa Senhora, e resplendor para o S. Menino [...]” (AMSB, ESTADOS Ba., v.4, p. 218).

Em meados do século XIX, novos trabalhos foram realizados com recursos do Mosteiro que, desta vez, precisou fazer e consertar as muralhas dos lados norte e sul, bem como reedificar parte do conjunto arquitetônico. Nos anos oitenta, o Esboço do triênio de 1881-1884, chamava a atenção sobre o perigo, a que estava exposto o então hospício de Monteserrat “[...] porque tendo caído as muralhas, que sustentam

a força das mares nos fortes invernos, estão elas quase a penetrar nas paredes.” (AMSB, CÓDICE 107, 1851-1893, fl.35).

No século XX, diversas intervenções foram feitas no conjunto arquitetônico. A partir dos anos quarenta, e considerando o tombamento² feito pelo SPHAN desde 1938, as obras passaram a ser realizadas pelo citado órgão, sucedendo-se os trabalhos em 1946, 1962, e 1973/74. Na década de 1990, o templo foi obrigado a fechar, devido às condições de degradação em que se encontrava e, paralelamente, acelerou-se o processo de um plano para captação de recursos financeiros para sua restauração, incluindo os bens móveis existentes. A execução do plano iniciou sua materialização no limiar do século XXI (Ver Figura n.º 2).



Figura n.º 2 – Igreja e Mosteirinho de Monserrate. Vista Atual.
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.

O retábulo-mor da Igreja de Monserrate

O conjunto edificado, ainda conserva entre seus bens artísticos integrados e incorporados, o altar-mor exemplar de talha do século XVIII e os painéis de azulejos seiscentistas, os que possuem forte presença no vocabulário plástico arquitetônico da igreja.

No caso dos azulejos estes correspondem aos chamados de *tapetes*, com decoração simétrica ordenada e três cores básicas no acabamento das formas: amarelo, azul e branco, configurando ornamentações com motivos florais estilizados,

produzidos na técnica majólica. Segundo fontes documentais esse padrão de azulejos que revestia totalmente as paredes interiores do templo foi parcialmente retirado no começo do século XX. Restando apenas na parte inferior da altura das paredes os do tipo tapete, padrão camélia de Lisboa (1650/60). Nos detalhes dos tapetes (Ver Figura nº3) observa-se a configuração geométrica e a combinação de motivos fitomorfos, em representação de ramos e flores, com o fundo na cor branca e a ornamentação nas cores azul e amarela.



Figura n.º 3 – Pormenor dos azulejos
Fonte: Péricles Mendes

Motivos semelhantes que combinam as formas das cercaduras, os frisos e os das paredes aparecem integrados ao vocabulário decorativo da arquitetura da capela-mor, localizados nas paredes laterais até meia altura e nos triângulos esféricos ou “pechinas”, acompanhando sua forma geométrica.

O retábulo da Capela-Mor da Igreja e aquele que conforme alguns autores teria pertencido ao altar da Capela-Mor, antiga, da Igreja de São Sebastião do Mosteiro de São Bento da Bahia, feito provavelmente no triênio de 1783-1786 (ROCHA, 1997, p.715). E que para sua inserção na escala reduzida do espaço da Capela-Mor de Monserrate haveria sido modificado.

Uma luz sobre as possíveis alterações sofridas pela peça é lançada pelos desenhos inéditos, de autoria do irmão beneditino Frei Paulo Lachenmayer, achados no arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Neles, encontram-se traçadas a planta baixa e as vistas frontal e lateral originais do retábulo. Permitindo observar

que uma das principais mudanças consistiu na alteração de parte da disposição espacial da planta cujo formato elíptico, provavelmente primitivo, foi diminuído até o limite final (fundo) do trono sobre o qual fica assentada a imagem de Nossa Senhora de Montesserrat (Ver Figura n.º 4)

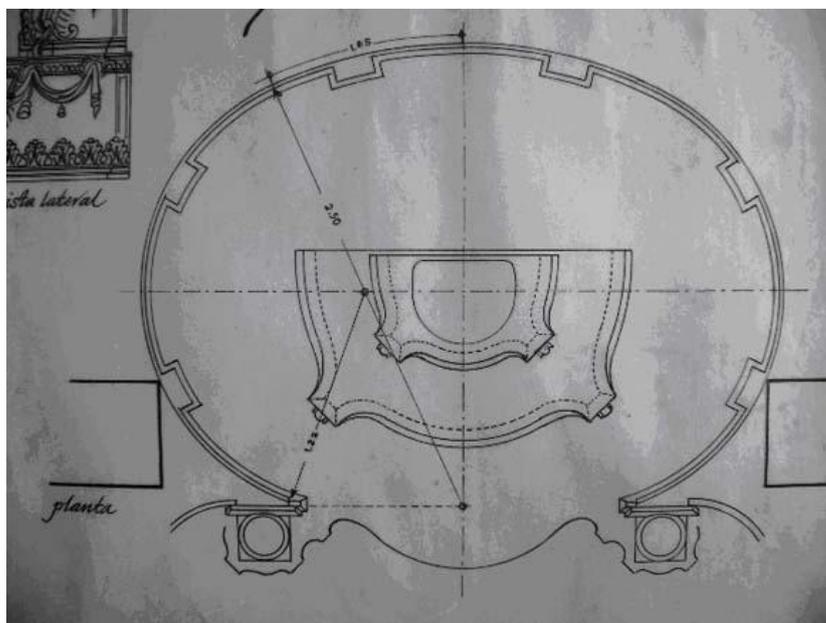


Figura n.º 4: Pormenor da planta baixa do retábulo.
Desenho de Ir. Paulo Lachenmayer. OSB
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.

Na vista principal do altar, desenhada pelo referido Frei aparecem no plano posterior umas cariátides, dispostas eqüidistantes umas das outras e conformando, supostamente, o que seria parte do sistema estrutural da base do dossel, hoje sujeito com ferros a parede do fundo. Evidências que referem à existência das citadas cariátides foram curiosamente achadas em um dos salões da clausura do mosteiro da Bahia, onde aquelas foram colocadas, formando parte da decoração, uma vez que se encontravam no acervo do mosteiro sem notícias exatas da sua procedência. Após verificação acurada das peças pode ser sugerida a hipótese de serem aquelas elementos componentes do conjunto retabulístico original, retirados no momento da adaptação ao novo espaço da Igreja de Monteserrat.(Ver Figuras 5 e 6).

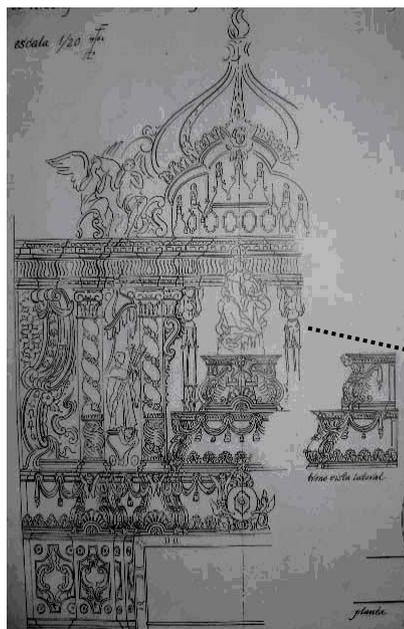


Figura n.º 5: Vista do retábulo.

Desenho de Ir. Paulo Lachenmayer. OSB.

Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.



Figura n.º 6: Cariátide

Fonte: Maria H. O. Hernández

A mudança de local do retábulo deve ter acontecido em função da construção da Capela-Mor do cenóbio beneditino baiano, iniciada no século XVIII e materializada no século XIX, coincidindo com o processo de reformas que, ao longo dos oitocentos as irmandades, ordens terceiras e algumas ordens de religiosos regulares empreenderam no interior de seus edifícios *“que consistiram no desmonte e destruição da antiga ornamentação em madeira entalhada, policromada e dourada erigida no século XVIII, e na substituição por outra ornamentação que fosse mais adequada à concepção estética e cultural daqueles novos tempos”*. (FREIRE, 2006, p.20).

Dessa forma e segundo dados documentais em 25 de outubro de 1848, o Abade Geral frei Arsênio da Natividade Moura comunicava ao Conselho do Mosteiro de São Bento da Bahia que ante o estado em que se encontrava a velha capela-mor, fazia-se necessária sua demolição pelo perigo iminente que ameaçava todas as funções nela realizadas (AMSB, CÓDICE 165, 1801-1851, fl.113). Sendo possível então deduzir que se trata do período quando o retábulo foi deslocado para Monserrate e colocado no lugar em que se encontra até os dias de hoje. E eles os beneditinos substituíram aquele, na *nova Capela*, por outro encomendado, com todos seus componentes, acabamentos e complementos decorativos a Gênova, Itália, feito em mármore de Carrara.

O retábulo em madeira, da segunda metade do século XVIII, constitui um dos exemplos da talha do período, principalmente, pelo significado do seu arremate (Figuras n.º7 e 8), apelidado como “dossel piriforme” (BAZIN, 1956, p. 304), que segundo observou o historiador Luiz Freire (2006, p. 366), o dito arremate pode ter um sentido simbólico procedente da coroa, contudo suas origens podem estar vinculadas a outras soluções italianas independentes também encontradas.



Figuras n.º 7 e 8 – Retábulo mor e pormenor do arremate
Fonte: Péricles Mendes

O partido ornamental do retábulo obedece efetivamente à lógica simbólica e funcional advinda do século XVI, resultante da cultura artístico-religiosa promulgada

após o Concílio Tridentino (1545-1563). Apresenta, ao centro, no sentido de baixo para cima e em primeiro plano a mesa de altar, em madeira dourada e o fundo com policromia em azul e rosa, em tonalidades pastéis. Um pouco mais acima da mesa estaria o sacrário, hoje ausente uma vez que foi retirado e guardado no acervo do mosteiro de São Bento da Bahia. Atrás o trono³, cuja configuração seguia o formato piramidal, encimado por imagem dourada e policromada, correspondente à padroeira da Igreja: Nossa Senhora de Monteserrat.

A composição estilística do conjunto parte do embasamento onde se destacam em posição avantajada os plintos, de duas das colunas, que se integram especialmente à requintada composição do retábulo. No nível intermediário ou corpo central, aparece faixa continua decorada por faces de anjos que se interceptam com festões e outros ornatos. Sobre aquela, quatro colunas salomônicas com terço inferior de ornamentação baseada em elementos fitomorfos, sutilmente diferenciada à do fuste, que aparecem encimadas por capitéis coríntios.

Nessa mesma altura, dois nichos coroados por dosséis, dispostos entre os pares de colunas trazem as imagens de São Bernardo e São Bento. Fecham lateralmente, este nível, volutas ordenadas verticalmente em harmonia visceral com o programa barroco - rococó característico do retábulo. A seguir, o entablamento com ornatos filiados plenamente ao vocabulário decorativo do conjunto. E como arremates do retábulo aparecem anjos que situados no sentido das colunas aparentam guarnecer o dossel central, como antes colocado, em formato piriforme. Culminância que conjuga a grandeza e particularidade de este representante dos retábulos oitocentistas, especificamente de meados a fins do século XVIII.

As informações obtidas pela pesquisa documental, particularmente o material de arquivo e os desenhos de Frei Lachenmayer, assim como o complemento daqueles através da investigação de campo, enfatizando nas peças encontradas, constituíram-se nos elementos principais que permitiram desvelar trechos da memória material e imaterial do retábulo da Igreja de Monteserrat o qual a pesar das modificações acontecidas ao longo do tempo, incluindo sua localização em outro contexto espacial de diferentes proporções aos da concepção original, ainda constitui uma unidade potencial, ornamento necessário, cenário do cerimonial sagrado, com a qualidade e capacidade de envolver os ritos do cristianismo num ambiente de esplendor e de plena integração com o restante dos componentes que formam parte do interior do templo religioso.

Notas

¹ Segundo Frei Agostinho de Santa Maria a doação do santuário aos beneditinos foi realizada pelos senhores da Torre de Garcia d'Ávila, alegando à devoção dos monges pela *Senhora de Monserrate Protetora da Catalunha* (1949, p.58).

² Carta de Rodrigo M. F. de Andrade, de 23 de maio de 1938, ratificando o tombamento pelo Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 (AMSB, CARTA..., Pasta nº 90, 1938, 1p.).

³ O trono atual não corresponde ao original, aquele foi retirado devido ao estado de degradação que comprometia não apenas a imagem de N. Sra de Monserrate mais também a integridade do conjunto retabulístico.

Referências

- AMS - *BEZERRO I, Capítulos Gerais 1570 – 1611*. Tibães, 267f.
- AMSB - *CARTA de Rodrigo M.F. de Andrade, 23 de maio de 1938*. Salvador, Pasta 90, 1 p.
- AMSB - *CÓDICE 107, Estados do Mosteiro da Bahia 1851 – 1893*. Salvador, 198f.
- AMSB - *CÓDICE 165 – Livro dos Conselhos 1801 – 1851*. Salvador, 132f.
- AMSB - *DOAÇÃO do Governador D. Francisco de Sousa da Hermida de N.S. de Monserrate 13-02-1598*. Salvador, Cx 5, Pacote 1, 7f.
- AMSB - *ESTADOS Ba, v.3 – Estados do Mosteiro de São Bento da Bahia 1652 – 1740*. Salvador, 336p.
- AMSB - *ESTADOS Ba, v.4 – Estados do Mosteiro de São Bento da Bahia 1764 – 1800*. Salvador, 322p.
- BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa barroca no Brasil: estudo histórico e morfológico*. Rio de Janeiro: Record, 1956, 2v.
- BP – APD - *DOCUMENTO DE 1723. Açores, Coleção de Jose do Canto*. Miscelânea, Livro I, 200f.
- FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro, 2006 - *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal.
- LINS, Eugênio. *Arquitetura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil. Século XVI a XIX*. 2002. 3v. (Tese de Doutorado) – Faculdade de Letras, Dpto. de Ciências e Técnicas do Patrimônio, Universidade do Porto, Porto. 2002.
- LVTMB - *LIVRO velho do tomo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: Beneditina, 1945.
- HERNÁNDEZ, Maria Hermínia Olivera. *A administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: Eufba, 2009.
- ROCHA, Matheus R. *Igreja do Mosteiro de São Bento da Bahia: história da sua construção*. Rio de Janeiro: Mosteiro de São Bento, 1997.
- SANTA MARIA, Agostinho. *Santuário Mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora...* Bahia: Imprensa Oficial, 1949.

Maria Hermínia Oliveira Hernández

Professora Adjunta do Departamento I – História da Arte e da Pintura. EBA-UFBa. Arquiteta, Doutora e Mestre – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBa. Especialista em Restauração e Conservação de Monumentos – FAUFBa, e Conservação Preventiva – Fundação Antorchas – VITAE.